



Disponível em

[www.univali.br/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo)

Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 10, nº 03.  
p. 334 – 357, set/dez. 2008

## DE “TAPERA” AO TURISMO: QUANDO ORGANIZAÇÕES TRANSFORMAM CIDADES

Waleska James Sousa Félix <sup>1</sup>  
[waleskafelix@gmail.com](mailto:waleskafelix@gmail.com)

Ana Sílvia Rocha Ipiranga <sup>2</sup>  
[anasilviaipi@uol.com.br](mailto:anasilviaipi@uol.com.br)

Jader Façanha Câmara <sup>3</sup>  
[jaderfcaramara@hotmail.com](mailto:jaderfcaramara@hotmail.com)

Kadma Marques Rodrigues <sup>4</sup>  
[kadmamarques@yahoo.com.br](mailto:kadmamarques@yahoo.com.br)

Data de Submissão: 24/11/2007

Data de Aprovação: 24/11/2008

---

<sup>1</sup> Graduação em Administração de Empresas pela Universidade Federal (2004), especialização em Consultoria Organizacional pela Faculdade Integrada do Ceará (2007), mestrado em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (2008). Atualmente é professora e coordenadora de pesquisa e extensão da Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão Sampaio.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1982), graduação em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza (1983), especialização em Educação à Distância (EAD) pela Universidade de Brasília (UnB), doutorado em Psicologia do Trabalho e da Organização pela Università degli Studi di Bologna (Itália) com tese defendida em 1997. É professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e coordenadora do curso de Mestrado Acadêmico em Administração (CMAAd).

<sup>3</sup> Graduação em Fonoaudiologia pela Universidade de Fortaleza (1997), especialização em Gestão e Modernização Pública Municipal e Estadual pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2000), mestrado do curso de Mestrado Acadêmico em Administração da Universidade Estadual do Ceará (2008). Atualmente é professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú, coordenador Pedagógico do Instituto Dom José de Educação e Cultura e professor substituto da Universidade Estadual do Ceará.

<sup>4</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (1990), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1999) e doutorado pela mesma universidade (2006), com estágio no exterior (Lyon/França). Atualmente é professora adjunta 11 da Universidade Estadual do Ceará.

## DE “TAPERA” AO TURISMO: QUANDO ORGANIZAÇÕES TRANSFORMAM CIDADES

### RESUMO

Este estudo focaliza a influência da atuação de uma organização no âmbito dos processos de territorialização e da emergência de novos sujeitos políticos que reorganizam o espaço da cidade, potencializando os recursos e abrindo novos caminhos de desenvolvimento local. Articulando esses tópicos, a pesquisa, de natureza qualitativa e fazendo uso da “descrição densa”, relata a experiência de desenvolvimento territorial sob a égide da gestão social e cultural vivenciada na cidade de Nova Olinda a partir do trabalho da organização “Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri e Escola de Comunicação da Meninada do Sertão”. A influência da atuação da referida organização na cidade de Nova Olinda possibilitou a mobilização e participação continuada de diferentes atores locais, visando à melhoria das condições de vida e trabalho a partir das ações articuladas em projetos de memória, comunicação, artes, turismo e sociabilidade produtiva dos moradores da cidade. Esses achados inferem os processos de busca e reencontro de identidades em torno da experiência vivida no lugar aos fluxos de desenvolvimento de uma cidade, da transformação do território e da promoção da cidadania.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento sócio; Territorial; Cidades; Turismo.

## FROM RUINS TO TOURISM: WHEN ORGANIZATIONS TRANSFORM CITIES

### ABSTRACT

This study focuses on how an organization's performance influences the regionalization processes and the emergence of new policy makers who reorganize the city's space, generating resources and creating new possibilities for local development. Articulating these topics, this qualitative research, which uses “dense description”, describes the local development experience under the aegis of social management, implemented in the city of Nova Olinda, based on a project developed by the “Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri e Escola de Comunicação da Meninada do Sertão” (Manor House Foundation – Kariri Man Memorial and the Hinterland Children's School of Communication). The activities of this institution, in the town of Nova Olinda, enabled the ongoing mobilization and participation of different local agents, seeking to improve living and working conditions based on projects involving memory, communication, arts, tourism and productive sociability of the town's residents. These findings enable to infer the processes of search and rediscovery of identities around the experience acquired in the area to the development flow of a city, the region's transformation and the promotion of social improvement.

**Key-words:** Territory; Social development; City; Tourism.

## DE “TAPERA” AL TURISMO: CUANDO ORGANIZACIONES TRANSFORMAN CIUDADES

### RESUMEN

Este estudio enfoca la influencia de la actuación de una organización en el ámbito de los procesos de territorialización y de la emergencia de nuevos sujetos políticos que reorganizan el espacio de la ciudad, potencializando los recursos y abriendo nuevos caminos de desarrollo local. Articulando estos tópicos, la investigación de naturaleza

qualitativa y haciendo uso de la “descripción densa”, relata la experiencia de desarrollo territorial bajo la égida de la gestión social y cultural vivenciada en la ciudad de Nova Olinda a partir del trabajo de la organización “Fundación Casa Grande Memorial del Hombre Kariri y Escuela de Comunicación de los Niños del Páramo” (“Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri e Escola de Comunicação da Meninada do Sertão”). La influencia de la actuación de la referida organización en la ciudad de Nova Olinda posibilitó la movilización y participación continuada de diferentes actores locales, destinadas a mejorar las condiciones de vida y trabajo a partir de las acciones articuladas en proyectos de memoria, comunicación, artes, turismo y sociabilidad productiva de los habitantes de la ciudad. Estos hallazgos atribuyen los procesos de búsqueda y reencuentro de identidades alrededor de la experiencia vivida en el lugar a los flujos de desarrollo de una ciudad, de la transformación del territorio y de la promoción de la ciudadanía.

**Palabras clave:** Desarrollo socioterritorial; Ciudades; Turismo.

## 1 INTRODUÇÃO

A gestão das cidades, enquanto organizações complexas, defronta-se com o desafio de construir ‘pontes’ capazes de gerar uma economia sustentada, respaldada no resgate da identidade e na necessidade de promoção do desenvolvimento, integrando as dinâmicas territoriais de produção às de reprodução (circulação), dimensões estas constituídas pelas redes sociais (COCCO, 2006; CASTELLS, 1999; FISCHER, 1996).

Assim, as atuais linhas de gestão partem de análises quanto à capacidade de planejar e executar ações capazes de capitanear as potencialidades locais e promover, mediante iniciativas articuladas entre a sociedade civil e a dimensão pública e privada, o desenvolvimento do território (RIZOTTI; NISHIMURA, 2006). Para Sen (2000) o caminho mais curto para se vencer este desafio, centra-se na concepção de que há necessidade de recuperação e mobilização das competências coletivas dos protagonistas locais. É nesse contexto que se dá o redescobrimto da dimensão territorial, revelando o elo entre globalização e localização, com a introdução de novas alternativas em torno do desenvolvimento sócio – territorial, como o turismo social e os efeitos multiplicadores provenientes destes, entre outros (SILVEIRA, 2006; ALMEIDA, 2004).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o alcance da articulação das organizações sobre o poder local, nos processos de busca e reencontro de identidades e no desenvolvimento sócio-territorial de uma cidade. O que as organizações podem fazer pelas cidades e pelo desenvolvimento sócio-territorial? Que caminhos estas organizações podem trilhar e que desafios enfrentarão?

Considerando esses tópicos, o presente trabalho descreve a experiência de desenvolvimento territorial sob a égide da gestão social vivenciada na cidade de Nova Olinda, sertão cearense. Neste relato específico destaca-se a busca de desenvolvimento da cidade a partir do trabalho de uma organização não-governamental, artística e educacional, a “Fundação Casa Grande Memorial do Homem *Kariri* e Escola de Comunicação da Meninada do Sertão”. A partir das ações articuladas em projetos de memória, comunicação, artes, turismo e sociabilidade produtiva dos moradores da cidade; com a participação do poder público e demais organizações e instituições atuantes na cidade em torno da transformação do território. O campo empírico constituiu-se do cotidiano dos sujeitos e das práticas da referida Fundação e seus reflexos na cidade de Nova Olinda.

Buscou-se descrever as contribuições que as organizações oferecem aos lugares, as

idades onde estão inseridas e que, de certo modo, transitam além dos muros das organizações, das fronteiras dos territórios da cidade e transcendem a outros lugares que têm notícias dos métodos utilizados “cá” para resolver problemas que também possam existir “lá”. Buscou-se compreender o fenômeno nos lugares onde a vida acontece, na fala das pessoas, nos espaços recriados, nos “não ditos”. Assumiu-se uma abordagem qualitativa de pesquisa, com um estudo do tipo exploratório e segundo a “descrição densa” defendida por Geertz (1988). A obtenção dos dados se deu em um processo de observação participante, entrevistas e compilação de notas no ‘diário de campo’ (cf. MALINOWSKI, 1978), em diferentes momentos da vida da organização e da cidade sob análise. Neste sentido, a pesquisa foi constituída por momentos formais, através das entrevistas, e em outros foi marcada pela informalidade onde tudo parecia não passar de um simples “dedo de prosa”, momentos de convivência e trocas de pensamentos e de idéias sobre a cidade de Nova Olinda e a Fundação Casa Grande.

O artigo apresenta, em sua estrutura, uma primeira discussão articulando os temas da cidade enquanto espaço de convivência e cidadania constituindo-se como uma teia organizacional dinâmica. No segundo momento, discute-se sobre os desafios de gestão da cidade a partir dos processos de identificação e desenvolvimento sócio - territorial. No terceiro momento, destaca-se o turismo social como fator de desenvolvimento e mobilização social. Em seguida são apresentados os procedimentos metodológicos e a descrição da organização e suas influências na cidade sob análise. Na última seção apresentam-se algumas idéias conclusivas do trabalho.

## **2 CIDADE: ESPAÇO DE CONVIVER E CHÃO DO EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

Uma cidade combina imagens e sons, realidades e representações. Vive do movimento, da vivência e da memória. Uma cidade pode ser decodificada pela cotidianidade que expressa as relações entre a sociedade e seu espaço; pelo localismo, que traduz relações de fronteira e contigüidade; pela identidade, que fala de tradições preservadas e de patrimônio comum e ainda; pela integração que remete às tramas e jogos de poder que definem relações (FISCHER, 1996a). Sendo assim, a conformação de uma cidade e a organização de seus espaços forma uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma possível gama de sensações e práticas sociais compartilhadas (CASTELLS, 1999; HARVEY, 1992).

Mais do que um espaço geográfico demarcado, a cidade é o espaço no qual se estabelecem as relações de vida e de trabalho. Ao mesmo tempo em que estão definidas, neste contexto, as normas, a distribuição do poder e demais relações que compõem o contexto local, onde convivem os sujeitos com todo o seu arcabouço dos aspectos objetivos e subjetivos da vida cotidiana. Essa referência territorial pode significar não somente as expressões mais imediatas das realidades vividas, como também conter elementos aparentemente invisíveis, mas significativos, que dizem respeito aos valores, sentimentos, perspectivas que rodeiam as vidas das pessoas e seus simbolismos (RIZOTTI, NISHIMURA, 2006; KOGA, 2003; CHANLAT, 1993).

Para Koga (2003) a cidade é um território que pode ser concebido como o chão das políticas e da realidade da vida cotidiana. Representa, ainda, o chão do exercício da cidadania, o que significa vida ativa no território, onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e solidariedade e as relações de produção e de poder (KOGA, 2003).

Após a massificação do período industrial e a emergência dos movimentos sociais e culturais das décadas de 1960 e 1970, onde autonomia e liberdade de papéis foram reivindicadas, a busca pela identidade pessoal e local ganhou força, transformando a cidade em lugar privilegiado de uma produção e reprodução em constante transformação. Essas passagens articulam as discussões sobre os processos de territorialização, com a emergência de novos sujeitos políticos que se reorganizam nos espaços das cidades. As cidades tornam-se um território qualificado de “comum” no qual é tecido um conjunto de relações no intuito de capturar e unir o “espaço dos fluxos” ao “espaço dos lugares” capazes de potencializar os recursos em torno do desenvolvimento local (BAUDOWIN; COLLIN, 2006; CASTELLS, 1999; SANTOS, 2001).

Nesse sentido, a constituição de novos sujeitos políticos no âmbito da discussão dos processos de territorialização, coloca de forma abrangente a concepção de cidadania e do acesso aos direitos, não estando estes relacionados somente aos direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais, mas, também com as práticas sociais e culturais que dão sentido ao pertencimento (SIQUEIRA, 2003; SILVEIRA, 2006). Ressaltam-se ainda o processo de geração, acesso, fluxo, disseminação e uso da informação e do conhecimento, assim como as relações entre conhecimentos codificados e conhecimentos tácitos e contextuais – específicos a cada território e população (ALBAGLI, 1999). De acordo com Franco (2000), níveis insuficientes de conhecimento retiram das populações a possibilidade e a capacidade de influir nas decisões públicas, marginalizando-as para além do aspecto econômico, também do ponto de vista político.

A cidade também pode ser percebida como uma grande teia organizacional, um todo constituído por inúmeras unidades organizativas multifacetadas, sendo ela mesma uma organização plena de significados. A cidade é, enfim, considerada como uma organização social, uma teia de relações entre grupos e instituições, situada no tempo e no espaço, possuidora de alta complexidade, processando, coletiva e continuamente uma cultura, processo este que resulta em uma identidade cultural tanto relativa à totalidade da cidade quanto à gestão desta totalidade. (FISCHER, 1996; FISCHER *et.al*, 1996).

Considerando que a cidade é formada por organizações que estabelecem necessariamente relações com outras organizações, o seu território é produto dos atores políticos, sociais e econômicos. Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações, pequenas ou grandes, são esses atores que se apropriam e produzem o território, composto por nós, malhas, configurando as redes sociais. Uma trama tecida com o tecido de todas as vozes (ENRIQUEZ, 1996; VELHO, 1995; RAFFESTIN, 1993). Como atores sociais, as organizações criam identidade e práticas de gestão, estabelecem alianças cooperativas e, de forma complementar, relações competitivas e conflituosas com outros atores atuantes no território, manifestando preocupações éticas e buscando suprir a deficiência de outras instituições. Desta forma, através de uma ‘mentalidade cooperativa’, as organizações constituem-se em agentes de mudança (FISCHER, 2002; ENRIQUEZ, 1996).

Segundo Enriquez (1996), as organizações podem contribuir como agentes de mudança cultural local, a partir do momento em que esta se configura com o que o autor denomina de “organização dinâmica”. Para Enriquez (1996) uma organização é a soma de três sistemas: cultural, simbólico e imaginário. Enquanto sistema cultural, quaisquer que sejam sua forma e seus objetivos (empresa, associação, organização cultural ou ainda uma cidade) as organizações se constroem em torno de um mito original que possui duas funções essenciais.

A primeira função é a afetiva e, para cumprir sua função, o mito conta uma história cujos personagens são exemplares, convidando assim os ouvintes a se parecerem com os heróis da narrativa. Para tanto, procede por contágio afetivo, baseia-se na mimésis, cumprindo o mito uma função identificatória. Chama as pessoas que o escutam a se

identificarem, mais ou menos com os personagens propostos, a fim de que também sejam capazes de ações notáveis. Considerando sua função intelectual, o mito exerce o papel de dar coerência aos pensamentos, às decisões e aos atos dos agentes sociais. Em outros termos, provoca naqueles que o recebem (e que nele acreditam) uma comunidade de pensamento, de atitudes e de condutas. Desta forma, o mito permite que as pessoas vivam numa tessitura comum e saibam que tipos de interação devem ter umas com as outras (ENRIQUEZ 1996).

O referido autor afirma que a intenção de toda organização é se constituir, através de ações em um ator social singular. Ela tenta se tornar visível, isto é, reconhecida e aceita no meio onde se desenvolve. As organizações que ganham uma inegável visibilidade são aquelas que tiverem líderes que saibam ser porta-vozes de suas demandas, capazes de formular suas exigências, conseguindo com que seus desejos sejam considerados pelo governo e por outras instituições com as quais estabeleçam e mantenham relações. Além deste, o que leva uma organização a se tornar visível é em grande parte, a identificação do melhor caminho a utilizar. Um caminho relativamente livre e novo, ainda não saturado, um elemento essencial na capacidade de influência de uma organização.

A partir do momento em que a organização souber encontrar um caminho ou vários apropriados, em que souber se tornar visível, começa o trabalho de institucionalização de suas condutas e converte-se em pólo essencial para as demais. Desta forma, torna-se uma organização dinâmica, um agente de mudança cultural local, um ator que dá exemplo, que promove os valores comunitários e que cria uma cultura viva. A organização mostrará ao exterior, uma imagem de si própria, coerente com sua imagem interna e conferirá uma nova dinâmica à esfera local, por permitir que haja espaço para estética, para a festa, para o gosto pela vida coletiva, respeitando em cada ser humano seu aspecto de homo *ludens* (ENRIQUEZ, 1996).

### **3 A CIDADE E O DESAFIO DE GESTÃO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SÓCIO-TERRITORIAL**

A gestão das cidades, enquanto organizações complexas, defronta-se com o desafio de construir 'pontes' capazes de gerar uma economia sustentada, respaldada no resgate da identidade e na necessidade de promoção do desenvolvimento, integrando as dinâmicas territoriais de produção às de reprodução (circulação), dimensões estas constituídas pelas redes sociais (COCCO, 2006; CASTELLS, 1999; FISCHER, 1996).

Assim, as atuais linhas de gestão partem de análises quanto à capacidade de planejar e executar ações capazes de capitanear as potencialidades locais e promover, mediante iniciativas articuladas entre a sociedade civil e a dimensão pública e privada, o desenvolvimento do território (RIZOTTI; NISHIMURA, 2006). Para Sen (2000) o caminho mais curto para se vencer este desafio, centra-se na concepção de que há necessidade de recuperação e mobilização das competências coletivas dos protagonistas locais. Paralelamente, é objetivo olhar e buscar a recuperação e mobilização coletiva, a partir do reconhecimento dos novos sujeitos políticos atuantes nas cidades capazes de transformar a sua história e o seu território.

A forma como a gestão de uma organização faz uso dos espaços, seja a apropriação dos espaços físicos ou a apropriação simbólica, reflete fatores como a cultura de um determinado lugar, seus processos de identificação e suas relações de identidade, enraizamento, territorialização e até o desenraizamento, a desterritorialização. Em sentido contrário à territorialização, a desterritorialização é o esvaziamento do território, do seu

conteúdo relacional, particular, que promove a identificação com um lugar (CARRIERI; PEREIRA, 2003; VASCONCELOS, 2003).

Fortuna (2001) refere-se ao fato de que apesar de as cidades contemporâneas estarem marcadas pelo contexto de desterritorialização dos fluxos, estas devem ser geridas para produzirem um efeito de reterritorialização. Descobre-se, portanto, um intrincado sistema de complexidade, antes ‘organizada’ do que desorganizada, uma vitalidade e uma energia de interação social, sendo que, a atenção deve concentrar-se nestes processos de interação (HARVEY, 1992). Neste sentido, Rizotti e Nishimura (2006) consideram o território como lócus em que ocorrem construções de histórias de vida individuais, familiares, comunitárias, identidades e pertencimentos, e ainda como o local onde se vivenciam problemas, necessidades e dificuldades, mas, sobretudo encontram-se potencialidades e capacidades que muitas vezes possam estar dormentes.

Carrieri e Pereira (2003) consideram que a base para a construção do espaço social encontra-se, portanto, na dimensão humana e em como o homem percebe o seu posicionamento no território. Considerando o homem como sujeito, percebe-se que seu fazer e suas representações não emergem no vazio, mas antes disso são construções e representações que lhe fazem sentido. Contudo, se o homem é considerado um ator social, o espaço deverá se reduzir às estruturas disciplinares e o homem a um mero executante de algo que se encontra objetivamente programado e que lhe é exterior.

Desta feita, num esforço de reconstrução das subjetividades e reconstituição das diversas representações da realidade, as cidades apresentam a necessidade de pesquisar a memória e interpretá-la através de objetos, imagens e relatos. A cidade é uma memória tal qual um jogo em permanente reconstrução, e que para tanto precisa das lembranças e dos esquecimentos, da conservação e da invenção, dos lugares, dos ritos, da valorização das formas simbólicas do passado como uma forma de resistir ao esvaziamento e ao desconhecimento, como uma forma de resistir aos “não-lugares” incapazes de criar identidades e singularidades (HARVEY, 1992; AUGÉ, 1994).

Neste sentido, Jeudy (2005, p. 15) afirma que: “A profusão dos locais de memória oferece uma garantia real contra o esquecimento”. A conservação patrimonial cria espaços de memória considerados simulacros, ao tentar condensar e ‘homogeneizar’ o tempo. A produção e a representação dos lugares memoráveis se constituem num importante capital simbólico, na medida em que, a idéia inerente a estes lugares é reviver, recriar e reinventar o passado, utilizando leituras de reatualizações, produzindo, assim, rememoração enquanto oposição ao esquecimento (JEUDY, 2005).

Para Hall (2005) a identidade é resultado de um processo discursivo com o outro e encontra-se em constante transformação. O autor enfatiza menos a identidade e mais os processos de identificação, baseados no sentido do pertencimento e implicando simultaneamente uma adesão e enraizamento em um determinado grupo ou numa determinada tradição. Pertencer não significa ser apenas membro participante ou assumir um papel, mas se traduz em uma experiência identificatória, de fixação em um campo de valores e objetivos “maiores”, um discurso (TENÓRIO; MELLO, 2006). Enfim, um processo de identificação que torna os indivíduos aptos a serem cidadãos do mundo sem esquecer que antes de tudo devem ser cidadãos do lugar onde vivem num exercício de participação, transformação e dinâmica social das organizações e do território de pertencimento (SANTOS, 2002).

Para Silveira (2006), as novas abordagens sobre o desenvolvimento local, baseadas em uma perspectiva sistêmica de articulação sócio-institucional e sócio-produtiva, trazem como diferencial significativo a busca de uma intervenção territorializada ao gerar uma matriz de projetos e ações continuadas, a partir da mobilização de diferentes atores atuantes em torno da transformação do território. Desta forma, a construção de novas

alternativas de desenvolvimento sócio - territorial, implica também em construir um leque de alianças que reconhece a sustentação do contexto cultural (costumes, crenças, tradições, regras, tabus, folclores, rituais), social e familiar, sobretudo da inserção de crianças e jovens, da organização comunitária, do trabalho em rede e da economia sustentada. Atualmente são vários os autores que evidenciam que o grande desafio está no desenvolvimento de competências de gestão no sentido de envolvimento da juventude nesta nova atitude de produção e de sociabilidade local (RIZOTTI; NISHIMURA, 2006).

Sobre a viabilização do processo de desenvolvimento local por meio da valorização do capital sócio - territorial, Farrell *et al* (1999) concebem que esta se constitui a partir da riqueza do território como em: recursos naturais (relevo, subsolo, solo, vegetação, etc.), equipamentos e infra-estruturas, além do patrimônio histórico e arquitetônico; a cultura e a identidade do território (valores, interesses, formas de reconhecimento comumente partilhados pelos atores do território); recursos humanos – as pessoas que vivem no território, ou que vêm viver e os que partem. As características demográficas da população e a sua estruturação social; o saber-fazer implícito/explicito e as competências – assim como o conhecimento das tecnologias e a capacidade de busca de desenvolvimento; as instituições e administrações locais; as atividades e empresas – a sua maior ou menor concentração geográfica e a sua estruturação; os mercados e as relações externas – designadamente a sua integração nos diferentes mercados, redes de troca, de promoção, etc.; a imagem e a percepção do território – tanto internas como externas.

Para Buarque (2002), o desenvolvimento de uma região pode ser compreendido como um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo da economia e à melhoria da qualidade de vida de seus habitantes, tendo como fonte propulsora as energias locais, liberadas pela mobilização de atores internos. Insere-se, então, nesse cenário, o poder da sociedade civil e do mercado, as chamadas redes de poder sócio-territorial (DALLABRIDA, 2006).

O desenvolvimento sócio-territorial surge como uma estratégia alternativa para um desenvolvimento menos excludente, especialmente em micro escalas, retomando temas como a valorização das potencialidades e das identidades sócio-culturais e ambientais locais, forças sinérgicas, iniciativas de economia solidária, construção e formação da cidadania, ação comunitária e coletiva, participação, sociabilidade e governança, inseridos em novos contextos (BORGES *et al.* 2006).

Visualizar o desenvolvimento sócio-territorial como um processo/projeto de transformação social, como assinala Milani e Cunha (2005), passa necessariamente por uma reflexão sobre a questão global/local. Segundo os autores, o estudo, ou ainda, as ações de desenvolvimento sócio-territorial precisam atentar para o fato de que, apesar de sua importância, por estarem conectados mais diretamente com a realidade de um município ou grupo de indivíduos, projetos de desenvolvimento sócio-territorial, hoje, são vistos com certo romantismo, como se fossem a fórmula mágica ou a única solução para todos os males da sociedade.

Entretanto, esse pensamento não está dissociado de riscos. O primeiro deles é o risco do localismo, que aprisiona atores, processos e dinâmicas de modo exclusivo ao seu *locus*, sem fazer as necessárias conexões com outras escalas de poder. Outro risco é pensar ser possível o desenvolvimento local autônomo e independentemente de estratégias de desenvolvimento nacional e internacional. Integrar e preservar, incorporar novos hábitos e tecnologias sem perder o senso coletivo de identidade cultural é, aparentemente, um paradoxo, um dilema de difícil conciliação e, contudo, um desafio político. Preservar aspectos característicos da tradição e história local e incorporar novos valores e elementos da modernidade global não são processos inconciliáveis. O desenvolvimento é potencialmente viável pela integração global-local, pelo intercâmbio com outras realidades.

Assim, como um projeto de transformação social, o desenvolvimento sócio-territorial não pode ser fechado em si mesmo (isolado e atomístico) nem restrito à localidade. As possibilidades de transformação se apresentam na articulação entre o local e o global. É preciso desenvolver estratégias rumo ao desenvolvimento integral das localidades, enfatizando suas peculiaridades, mas sem perder de vista sua inserção na sociedade global (KNOPP, DARBILLY, 2007). Estas perspectivas se alinham à necessidade da integração dos temas da revitalização urbana com a mobilização produtiva da cidade, incluindo o turismo social, visando o desenvolvimento sócio-territorial a partir da emergência de novos sujeitos políticos e da constituição do comum. Também é necessária a integração territorial de novas dimensões produtivas e reprodutivas dos territórios das cidades desenhadas pelas redes sociais e pela cooperação social produtiva (COCCO, 2006).

#### **4 TURISMO, TERRITORIALIDADE E MOBILIZAÇÃO SOCIAL**

A relação entre cultura e desenvolvimento é, certamente, um dos pontos centrais dos debates contemporâneos. Para além do ambiente acadêmico que tem assistido, nos anos mais recentes, ao crescimento do número de estudos e pesquisas dedicadas a esta temática, já são significativas as experiências práticas que articulam cultura e desenvolvimento, quer no âmbito das políticas públicas governamentais, quer no campo de ação de múltiplas agências e organizações da sociedade civil, cujos recortes específicos inscrevem-se, regra geral, na perspectiva do desenvolvimento local sustentado (LOYOLA; MIGUEZ, 2007).

Desta forma, a cultura de um povo, em vez de um obstáculo ao progresso, emerge como um manancial de experiências e de evidentes saberes locais, diretrizes úteis à criação coletiva e compartilhada de uma vida melhor (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002). A cultura aqui considerada é a teia de significados que os homens constroem e reproduzem no curso de suas interações sociais e que se ‘materializa’ nas crenças que uma comunidade adota para enfrentar os problemas impostos pelo meio ambiente natural e social.

Ao tratarem sobre as relações entre cultura e desenvolvimento, Kashimoto, Marinho e Russeff (2002) consideram que a cultura local, por ser oriunda das relações profundas entre a comunidade do lugar e o seu meio (natural e social), simboliza o homem e seu entorno, implicando um tipo de consciência e de materialidade social que evidencia o grau de aferição ou apego a um lugar. Esse fator, para os referidos autores, é de extrema importância para o desenvolvimento sócio-territorial, na medida em que permite a configuração da identidade cultural do lugar e de sua população. Assim, a valorização da cultura popular contribui para que a sociedade fortaleça a “individualização e a auto-estima diante do outro” (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002, p. 36), numa busca de desenvolvimento originário de sua própria criatividade e conforme os seus valores, porque é por intermédio da cultura que o indivíduo e a sociedade interagem com o mundo à sua volta.

Esse movimento de valorização da cultura nos projetos de desenvolvimento, não se trata de uma afirmação radical do local como um instrumento de resistência a uma modernidade perigosa (BOURDIN, 2001), antes, é a busca de uma intervenção territorializada ao gerar uma matriz de projetos e ações continuadas, a partir da mobilização de diferentes atores em torno da transformação do território, que gera um sentimento de pertença (SILVEIRA, 2006; TENÓRIO; MELLO, 2006). Na perspectiva de Kottak *apud* Kashimoto, Marinho e Russeff (2002), desenvolvimento (pensando em metas econômicas) e o bem estar cultural (cultura local) não devem se constituir em forças antagônicas, posto que

a atenção à cultura também é fator de rendimento econômico (incremento de atividades como o turismo e o artesanato, por exemplo).

Uma sociedade que confia em sua cultura, de acordo com Claxton (1994), estará mais aberta e receptiva, fato que transforma o autoconhecimento em um instrumento de integridade de um povo. Para o autor, a auto-identificação cultural fortalece uma comunidade e a torna apta à manutenção da integridade face aos atritos interculturais e desta forma, a abertura cultural a outras idéias e a vontade e a capacidade de assimilar idéias de outras culturas influenciaria de maneira positiva na marcha do desenvolvimento.

Desta forma, soma-se ao debate, o turismo, um dos fenômenos marcantes da atualidade, uma das mais pujantes atividades econômicas mundiais, considerado um dos três líderes mundiais em produtividade, com a conseqüente ampliação da oferta e do emprego e geração de renda. O turismo tem efeito direto e indireto na economia de uma localidade ou região. Os efeitos diretos são os resultantes das despesas realizadas pelos turistas dentro dos próprios equipamentos e de apoio, pelos quais o turista pagou diretamente. Como efeitos indiretos têm-se aqueles resultantes de despesas efetuadas pelos equipamentos e prestadores de serviços turísticos na compra de bens e serviços de outro tipo. Trata-se de um dinheiro que foi trazido pelo turista, mas que será gasto por outrem que o recebera do turista em primeira mão. Numa terceira etapa de circulação do dinheiro do turista estão os efeitos induzidos, que são constituídos pelas despesas realizadas por aqueles que receberam o dinheiro dos prestadores dos serviços turísticos e similares (BARRETO, 1995).

O efeito multiplicador é produzido pela sucessão de despesas que tem origem no gasto do turista e que beneficia os setores ligados indiretamente ao fenômeno turístico. O setor público beneficia-se da atividade indiretamente, através dos impostos que arrecada da empresa privada, e diretamente, pelas taxas que cobra dos turistas, como visita a atrativos. Os recursos financeiros provenientes da atividade turística multiplicam-se na economia traduzindo-se em: aumento da urbanização; incremento das indústrias associadas à atividade; incremento da demanda de mão-de-obra para serviços; incremento da indústria de construção; aumento da demanda dos produtos locais desde hortifrutigranjeiros até artesanato; incremento da entrada de divisas para equilibrar a balança comercial, e; maior arrecadação de impostos e taxas.

Desta feita, muitos governos interessados em promover o desenvolvimento regional e local vêem no turismo um poderoso aliado na busca do desenvolvimento. De fato, o turismo tornou-se 'objeto de desejo' para muitas regiões e, assim, governos nacionais e locais, juntamente com uma considerável parcela de organizações produtivas e outros agentes econômicos, assimilaram o discurso que coloca o desenvolvimento do turismo como grande alternativa de política econômica. (ALMEIDA, 2004)

Contudo, a atividade turística não possui apenas um grande significado econômico em muitos casos, sendo fonte de renda e de divisas, mas também exerce impactos relevantes sobre a cultura e o espaço (natural e social) da área receptora dos turistas, principais objetos de consumo do turismo (ALMEIDA, 2004). Para Almeida (2004), existe uma forma de apropriação e de funcionalização dos espaços pela atividade turística que permite que se fale do lugar turístico como uma invenção para e pelo turismo. O lugar turístico existindo em função da prática do turismo, dando-lhe uma existência, uma identidade própria e singular. O turismo é capaz de reorganizar sociedades inteiras para que ele possa acontecer. Os núcleos receptores de turistas têm as mais variadas transformações sócio-espaciais: infra-estruturas montadas e /ou apropriadas em função da acessibilidade dos visitantes; infra-estrutura de hospedagem, de alimentação, lazer e de serviços em geral (ALMEIDA, 2004).

A relevância sócio-cultural e econômica da atividade turística é evidenciada no conceito de turismo adotado pela Organização Mundial do Turismo – OMT: O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas [...] gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. A atividade turística, se bem desenvolvida, é capaz de gerar benefícios para todos os envolvidos, configurando-se como uma das ferramentas para o desenvolvimento de localidades com potencial para tal, contribuindo sensivelmente para o desenvolvimento sócio-econômico e cultural de amplas regiões naturais. Políticas de desenvolvimento ‘redescobrem’ regiões. O Nordeste é um caso emblemático: de uma região conhecida no cenário nacional pela seca, miséria e flagelo, por meio de ações políticas de valorização dos elementos naturais, passou a ser uma região turística em ascensão (ALMEIDA, 2004).

A partir desta perspectiva, alguns autores argumentam sobre o turismo de exclusão, isto é, que lugares e pessoas como as áreas indígenas, assentamentos dos sem terra, favelas descubram formas de participar do mercado turístico e considerem o desenvolvimento turístico como um fator de desenvolvimento sócio-territorial não negligenciável (COROLIANO, 2003). No entanto, cabe ressaltar que cada modelo de turismo corresponde uma série de impactos, decorrentes das relações desta nova atividade com as demais atividades humanas e com o território e, desta forma, a atividade turística possui, ao mesmo tempo, o potencial para degradar o ambiente natural, as estruturas sociais e a herança cultural dos povos.

Para Almeida (2004) a implementação de uma atividade turística local somente é possível com a inserção da região no sistema global. Ainda segundo Almeida (2004), a ânsia de inserir-se no circuito globalizador do turismo, auferindo lucros crescentes, faz com que apressados governantes e iniciativa privada negligenciem estudos prévios dos espaços e das estratégias de gestão do turismo, descaracterizando rapidamente o tipo de trabalho e de vida, causando a desestruturação cultural, a agressão ambiental e uma paisagem degradada e distante do imaginário do turista.

De acordo com Silva (2003, p.09), o desenvolvimento deve ser visto como efetiva distribuição de renda, com superação significativa dos problemas sociais sem comprometimento ambiental, o que só pode ocorrer com profundas mudanças nas estruturas e processos econômicos, sociais, políticos e culturais de uma dada sociedade. Desta forma, o desenvolvimento turístico não pode ser considerado sinônimo de desenvolvimento sem que contemple outras dimensões da vida social. Neste sentido, é preciso valorizar a dinâmica dos valores endógenos através do que Almeida (2004) chama de ‘territorialização turística’, para que a relação entre os fatores endógenos e exógenos seja favorável ao desenvolvimento sócio-territorial. Ou seja, é necessário, simultaneamente, um forte enraizamento local e um dinâmico enredamento global (SILVA, 2003). Assim, o discurso atual re-significa o local que continua sendo visto como espaço de produção, porém dotado de capacidade relacional junto ao global.

Para Coriolano (2003) o desenvolvimento local, significa, acima de tudo, um desenvolvimento em escala humana, atendendo às demandas sociais. Nele, o homem passa a ser a medida de todas as coisas e não apenas os índices quantitativos e o lucro. Neste sentido, o turismo para benefício local significa adotar políticas que possam resultar em trabalho e ocupação para todos, tanto quanto atuar no campo da proteção social e de programas emergenciais quando necessários, requerendo, sobretudo, o homem no centro do poder, de forma que possa promover a sua realização. Significa implementar atividades de revalorização do lugar e das pessoas. As atividades planejadas voltam-se para o desenvolvimento social e cultural do grupo e as atividades econômicas passam a contribuir para que isto aconteça. O turismo é visto como uma forma viável de conciliar esses dois pólos, o crescimento do trabalho e do bem-estar-social (COROLIANO, 2003).

O planejamento turístico, desta feita, poderá ser um importante instrumento, ao somar uma gestão integrada dos aspectos físicos-territoriais, ambientais, político e administrativo, econômicos e sociais. A atividade turística bem planejada e controlada auxilia na manutenção e melhoria do ambiente em que se inserem: preservação de importantes áreas naturais e de locais históricos e arqueológicos; controle do ar, da água, da poluição sonora, de problemas com o lixo; melhoria da estética ambiental por meio de programas de paisagismo, designs adequados de construções e melhor manutenção; melhoria de infra-estrutura, e, sobretudo; a valorização da cultura local, através do afloramento das capacidades, competências e habilidades locais.

## **5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Em consonância com os objetivos a serem alcançados privilegiou-se a pesquisa de cunho qualitativo segundo a abordagem do estudo de caso (YIN, 2001). O estudo sobre a Cidade de Nova Olinda e da Fundação Casa Grande é do tipo exploratório porque envolveu levantamento bibliográfico e análise documental com vistas à formulação do problema de pesquisa. Conforme Gil (1995) a pesquisa desse tipo é desenvolvida na perspectiva de proporcionar uma visão ampla acerca do assunto.

Por ser necessária a imersão de uma das pesquisadoras na Fundação Casa Grande para que ela identifique, relate, compare relações existentes com a Cidade de Nova Olinda e entre as dimensões estudadas, esta pesquisa também é classificada como descritiva. Segundo Triviños (1987) a pesquisa qualitativa do tipo fenomenológica é essencialmente descritiva. As descrições dos fenômenos estão imbuídas de significados que o ambiente lhes legitima, produto de uma visão subjetiva, na qual as interpretações emergem como a totalidade de uma análise baseada na percepção de um fenômeno capturando não só a aparência do fenômeno, mas a sua essência e as causas da existência do fenômeno, a origem, suas relações, suas mudanças e as conseqüências que terão na vida da pessoa.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante, a entrevista aberta, temática, aplicada de forma individual, e as notas registradas no 'diário de campo' (cf. MALINOWSKI, 1978). O roteiro das entrevistas foi estabelecido a partir de temáticas articuladas na primeira parte teórica desse estudo. Para a seleção dos sujeitos adotaram-se como critérios de inclusão: ser morador da cidade ou ser integrante da organização e desejar participar voluntariamente da pesquisa. Desse modo, para o estudo contou-se com a participação de dez sujeitos. Assumiu-se como abordagem de análise a "descrição densa" defendida por Geertz (1988) com a intenção de não se restringir somente à descrição do fenômeno em si, mas na identificação e descrição dos motivos pelos quais ele ocorre. Se baseado nesses procedimentos e buscando ressonâncias na literatura articulada na primeira fase deste artigo, expõe-se a seguir a descrição final do estudo.

## **6 NOVA OLINDA E A FUNDAÇÃO CASA GRANDE: HISTÓRIA, NOVAS FORMAS, NOVAS VIDAS**

### **6.1 A cidade e sua história**

No sertão cearense, no Vale do Cariri, a 540 km a sul de Fortaleza, capital do Estado, encontra-se a cidade de Nova Olinda. Sua população é um pouco maior que 12 mil habitantes. Suas origens datam das últimas décadas do século XIX, e era conhecida por Tapera, a localidade formada por moradores das margens do rio Cariús. A cidade que fora desmembrada do município de Santana do Cariri em 14/03/1957, e recebeu este nome em homenagem à cidade pernambucana de Olinda, está situada na área de maior concentração mundial de fósseis e conta também com abundantes reservas de pedra cariri. A região onde está inserida a cidade – a Região do Cariri - é considerada um oásis no Ceará. Parte da Chapada do Araripe em meio a um sistema montanhoso de vegetação abundante e com inúmeras nascentes, o que garante um clima ameno, em pleno semi-árido do sertão.

Nova Olinda não tem indústria nem comércio desenvolvidos, a principal atividade ainda é a agricultura, ou a ‘roça’, como se referem os moradores da região. O centro de Nova Olinda é pequeno, com algumas lojas comerciais, um posto telefônico, lanchonetes, bares, padarias e mercearias. Fica no centro, também, a catedral, cujo padroeiro é São Sebastião. O maior prédio da cidade é a prefeitura, seguido das escolas públicas e de uma Fundação. Mesmo pequena, a cidade reserva, aos que a visitam, boas opções: arqueologia, misticismo, folclore e uma natureza exuberante, como a grande pedra em formato de coruja, localizada no Sítio Olho D’água. Como exemplo de bela arquitetura, a cidade conta com a Igreja do Padroeiro São Sebastião. Nova Olinda ainda é rica pelo artesanato ali produzido, arte feita de couro, croché, bordado e pedra cariri.

Mas, a cidade de Nova Olinda passou por um longo período de esquecimento, num contexto onde as crianças e jovens ou estavam sujeitas ao trabalho no campo ou à prostituição, freqüente na cidade, principalmente devido à localização às margens da CE-292. Conta o mito inicial, a narrativa da criação da cidade, que Nova Olinda só veio a ser reconhecida depois da passagem do Frei Henrique Feitosa, que por ser mal recepcionado na cidade, lançou uma ‘maldição’. O mito, segundo Enriquez (1996) exerce o papel de dar coerência aos pensamentos e atos das pessoas, provocando naqueles que o recebem e que nele acreditam uma comunidade de pensamento, de atitudes e de condutas. É o mito inaugural da cidade que nos fora relatado:

O nome Nova Olinda, veio de um frade que era da família Feitosa dos Inhamuns, Frei Henrique Feitosa, que na época estudava em Olinda, era diácono e voltando pra casa paterna nos Inhamuns ele passa por uma Nova Olinda que na época se chamava Tapera e na época já existia a Casa Grande, o local da Casa Grande, essa edificação e ele passa e pede hospedagem na época à família que morava aqui, por ser a única casa de tijolo e a maior parte da cidade só tinha aquelas “taperazinhas”, aquelas casinhas típicas de morador de sítio. Aí não deram hospedagem a ele e ele foi se hospedar debaixo de um pé de tamboril perto que tinha próxima a Igreja, a capelinha de São Sebastião na época. Aí os moradores mais simples foram pedir a esse frade que ele rezasse uma missa e que nessa missa ele desse um nome novo, por que aquele nome “Tapera” era um nome muito feio, que não trazia progresso. O local era um local, já feio com aquele nome. Aí ele rezou a missa e no final ele disse: ‘O nome que eu vou batizar essa localidade é de Nova Olinda pra que fique marcado a minha passagem aqui’. Por que ele “tava” vindo de Olinda, daí Nova Olinda. Mas devido o tratamento que ele teve na Casa Grande - não hospedaram ele - ele jogou uma maldição dizendo assim: ‘Tapera foi e tapera há de ser até a quinta geração’. **Sujeito 1 – A.Q**

Conforme os depoimentos coletados, e corroborando com a discussão teórica que norteou este trabalho, as vivências e memórias de uma cidade contem elementos aparentemente invisíveis, mas significativos, que falam das perspectivas que rodeiam as

vidas das populações e seus simbolismos (RIZOTTI, NISHIMURA, 2006; KOGA, 2003; FISCHER, 1996; CHANLAT, 1993).

[...] parecia que Nova Olinda vivia escondida atrás de uma parede [...].  
**Sujeito 9 - E. S, artesão local.** Eu era só mais uma num lugar esquecido no mundo. Antes aqui era feio, sujo [...] **Sujeito 8 - A.M.C.M, dona de pousada domiciliar.** Nova Olinda, antes aqui onde nós “tamos” que é o centro [...] era um mal cheiro, era lugar de tudo no mundo, cavalo, burro, lixo, sucata, carro ‘véio’ abandonado. **Sujeito 7 - A.G.P. , moradora de Nova Olinda.**

## 6.2 A Fundação Casa Grande: comprometimento com a cidade e resgate da identidade

No dia 19 de dezembro de 1992, para os que ali habitavam, a Tapera, não mais de nome, mais naquilo que era percebido em seus espaços, começava a mudar. A cidadezinha de 12 mil habitantes – dos quais cerca de quatro mil viviam em área urbana – passou a abrigar a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri. No entanto, esta é somente a data em que a Fundação inaugurou um museu que buscava a preservação da memória do homem *Kariri*. O projeto Casa Grande tem uma trajetória anterior.

Considerando, segundo Carrieri e Pereira (2003), que a base para a construção do espaço social encontra-se na dimensão humana e em como o homem percebe o seu posicionamento no território como sujeito ou ator social, durante dez anos um casal de músicos, A. Q. e R. L., pesquisou a música e a geografia da região, reunindo objetos, mitos e lendas da Chapada do Araripe e, ao compor músicas, reuniram conhecimento sobre a origem da cidade de Nova Olinda.

A pedra inaugural da Fundação Casa Grande foi o desejo de partilhar o conhecimento gerado em anos de pesquisa sobre a cultura da região aos que a ela não tinham acesso possibilitando o resgate das origens, e da história reavivando o sentimento de pertença da população com o lugar (COCCO, 2006; CASTELLS, 1999; FISCHER, 1996). Contudo, o início desta história dar-se-ia bem antes, quando a Casa Grande - a construção embrionária de Nova Olinda e onde A.Q. e R.L. sonhavam ser o lugar que abrigaria todo o conhecimento gerado nas pesquisas – ainda se encontrava em ruínas, em adiantado processo de destruição e abandono:

[...] então ....eu encontrei a casa em ruína. [...] Resolvi fazer um projeto para restaurá-la e protegê-la [...] a gente na época desenvolveu um trabalho junto à Prefeitura do Município, onde eu passei 4 anos de administração do prefeito, prestando serviço sem ser remunerado, no sentido de ter esse crédito para solicitar uma coisa como a restauração da Casa. No final de 4 anos, a gente conseguiu que a prefeitura restaurasse o prédio [...] e aí foi criada a Fundação Casa Grande, que protege o patrimônio que é a Casa Grande que é um mito em si, por que é a primeira casa da cidade, que deu origem à cidade e que dentro abrigava aquela pesquisa que se tratava da memória do homem Kariri. [...]. **Sujeito 1 – A.Q.**

A Fundação Casa Grande nasceu a partir do esforço de reconstrução das subjetividades e reconstituição das diversas representações da realidade. Pesquisando a memória e interpretando-a através dos objetos, relatos e imagens disponíveis no museu, a Fundação buscava a valorização das formas simbólicas do passado, dos lugares, dos ritos, da conservação, como forma da Cidade de Nova Olinda resistir ao esvaziamento e ao desconhecimento (HARVEY, 1992; AUGÉ, 1994; LEITÃO, 2001). Desejava imbuir nos

moradores da cidade um sentimento de pertença, um pertencer que traduziria uma experiência identificatória, de fixação a um campo de valores e objetivos “maiores”, um discurso (TENÓRIO; MELLO, 2006).

Aos poucos a Casa Grande era restaurada, dinamizando a cidade ao despertar e reunir a atenção, das crianças e jovens do lugar, por esse inusitado museu do sertanejo “pré - histórico”: a casa velha e mal assombrada estava aberta e recebendo visitantes. A cidade e o seu cotidiano começavam a mudar.

Faz 11 anos que eu tô aqui na Casa Grande, fui um dos primeiros a entrar aqui [...] Entrei aqui mais por curiosidade. Eu via a casa sendo restaurada, então eu vinha pra cá e ficava com curiosidade pra saber o que ia acontecer aqui nesse lugar. Aí entrei aqui [...] gostei e fiquei [...].” **Sujeito 2 –M. R. B. F., jovem beneficiado pelo projeto.** “Quando a gente abriu a Casa Grande quem tomou a Casa Grande foram as crianças. [...], elas entraram na Casa Grande e já foram ocupando os espaços [...]. Então como existia muita criança na cidade e [...] existia até certa forma um incômodo público por que as crianças eram muito afoitas, quebravam bancos, normalmente as pessoas estavam sempre ligando pra polícia por que os meninos estavam brincando de peão em frente à casa delas e ‘que o peão tinha batido na porta e que tinha entrado na casa e que no jogo de bila tinha muita briga na frente da casa’ [...], aí [...] normalmente as crianças iam recolhidas pela polícia e ficavam na sala de visita da delegacia e eram detidas lá. Então quando a Casa Grande entrou, ela deu legitimidade aos folguedos infantis e aí passou a fazer com que as crianças tivessem voz e vez dentro da comunidade [...] a Casa Grande deu um suporte para as crianças do município. A primeira coisa que a gente fez foi criar justamente (criar não) oficializar, abrigar e organizar, o campeonato de bila, o campeonato de peão, o futebol de campinho. Todas essas coisas que as crianças jogavam e [...] que os adultos sentiam como se fossem coisas que prejudicassem o bem estar social. Então as crianças passaram a ter na Casa Grande um papel muito importante e, de certa forma, foram essas mesmas crianças que deram ao município outro perfil (sorrisos). **Sujeito 1 – A.Q.**

Foi a partir da aproximação das crianças ao museu que A.Q. e R. L. perceberam que, para além da preservação da memória, com o Museu do Homem *Kariri*, seria possível criar uma Fundação Cultural que trabalhasse os problemas sociais que crianças e jovens enfrentavam na cidade de Nova Olinda e que pudesse ainda mudar a dinâmica de organização da cidade, preservando a cultura do lugar, mas abrindo novos horizontes aos que ali moravam, inserindo Nova Olinda no mundo (RIZOTTI; NISHIMURA, 2006). Estes relatos corroboram com a idéia de Enriquez (1996) de que as organizações podem contribuir como agentes de mudança da cultura local, contribuindo para o bem-estar social.

A Fundação Casa Grande passava a perceber que, como organização dinâmica, possuía influência e força de mudança sobre os fluxos do lugar, compreendendo assim a necessidade de propor soluções e participar de forma mais intensa da resolução dos problemas do território onde estava inserida (FISCHER, 1996a; DALLABRIDA, 2006; ENRIQUEZ, 1996). Estas descrições inferem sobre o alcance da influência da Fundação na reterritorialização da cidade de Nova Olinda ao se dotarem de segmentos dos fluxos que possibilitem o resgate do lugar (FORTUNA, 2001). Estas mudanças sócio-espaciais ressaltam a importância da gestão de uma cidade de perceber a forma de apropriação, tanto dos espaços físicos como da apropriação simbólica. Estas apropriações refletem, por fim, os processos culturais e de identificação que conformam o lugar a partir de suas relações de

enraizamento, territorialização e de desenraizamento; desterritorialização e de reterritorialização (CARRIERI; PEREIRA, 2003; VASCONCELOS, 2003; FORTUNA, 2001).

### 6.3 Mobilização da Juventude e Cidadania

Fischer (1996) considera que a gestão das cidades defronta-se com o desafio de gerar uma economia sustentada respaldada no resgate da identidade e na necessidade de promoção do desenvolvimento local. Desta forma, Rizotti e Nishimura (2006) acreditam que a construção de novas alternativas para a superação deste desafio implica, dentre outras coisas, no reconhecimento do contexto cultural, social e familiar, sobretudo da inserção de crianças e jovens, da organização comunitária, do trabalho em rede e do desenvolvimento sócio - territorial.

Na cidade de Nova Olinda, o desafio de envolver a juventude numa nova sociabilidade produtiva foi acontecendo aos poucos e de forma natural. Algumas crianças começaram como recepcionistas do Museu, depois reativaram uma velha amplificadora chamada “A Voz da Liberdade”. As crianças da cidade começaram a trocar as enxadas pelo microfone. Elas começaram a sonhar com o manusear de câmeras de televisão, elaborar revistas em quadrinhos, divulgarem (através destes meios) tudo aquilo que haviam aprendido sobre a cidade onde moravam. Em 1997, o sonho se tornou real e a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem *Kariri*, ganhou então mais um sobrenome: Escola de Comunicação da Meninada do Sertão.

Com a Escola de Comunicação, houve uma experiência ousada envolvendo crianças e jovens no comando de programas de rádio e TV, cujo foco era a recuperação destas crianças, bem como o resgate da identidade e cultura locais. Desde então, cerca de 70 crianças e jovens da comunidade, com idades entre 5 e 26 anos, são capacitados, permanentemente, a lidar com a produção de mídia, que aprendem em oficinas ministradas pelos próprios jovens que cresceram no projeto. A partir do local Nova Olinda começava a aparecer para o mundo. As crianças eram entrevistadas em programas de grande repercussão nacional e o número de visitantes tornava-se cada vez maior. Nova Olinda deparava-se com a chance de dinamizar sua cultura pela comunicação, desta feita, não pelos objetos e pinturas de seus ancestrais, mas pelas histórias de crianças e jovens de hoje.

Considerando, segundo Enriquez (1996) que o mito permite que as pessoas vivam numa tessitura comum e saibam que tipos de interação devem ter umas com as outras, de acordo com os relatos, estes eventos assinalam o início do fim da “maldição” e ainda o início de novos tempos para cidade. A possibilidade de ser vista como um oásis de sons, imagens, sorrisos e esperanças emergindo no meio do silêncio do sertão cearense.

A quinta geração é justamente quando a Casa Grande retorna novamente depois de um longo mergulho em ruínas e volta pra comunidade da forma que ela voltou. Então, o que era a Casa Grande, era uma casa em ruínas no centro da cidade [...]. Então a Cidade era uma cidade feia, [...] você chegava via aquele conjunto de ruína numa cidade sem expressão nenhuma. Aí a Casa Grande colocou Nova Olinda no mapa. **Sujeito 1 – A. Q.** No início, o museu da Fundação começou a atrair a imprensa. Vinha repórter de rádio, de TV. A mídia parecia um disco voador que tinha baixado na cidade, a gente nunca tinha visto uma câmera na vida. [...], imagine um peixe que passa a vida no aquário, e de repente vê o mar **Sujeito 4 - J. P. M., jovem beneficiado pelo projeto**

Estes depoimentos refletem a cidade de Nova Olinda como o chão do exercício da cidadania enquanto vida ativa no território em um processo de conquista e liberdade dos cidadãos perante o Estado, constituindo novos sujeitos políticos (KOGA, 2003, DALLABRIDA, 2006)

Corroborando as colocações de Fischer (1996a) ao enfatizar que uma cidade combina imagens e sons, realidades e representações, sendo decodificada pela cotidianidade que expressa as relações entre a sociedade e seu espaço e, ainda, pela integração que remete às tramas e jogos de poder que definem relações: a história da Casa Grande FM, começa com quatro alto falantes convidando para visitar o museu. Hoje a Rádio conta com programas que incentivam a participação do povo na construção e melhoria do território em que vivem, com responsabilidade sobre a comunidade. Em um dos programas, chamado de Papo Cabeça, produzido por M. M, uma das jovens do projeto, assuntos como meio ambiente, adolescência, sexualidade, DST's e protagonismo social são discutidos. Na época das eleições municipais, a locutora e produtora colocaram em discussão o problema do voto em troca de favor. Este programa rendeu a uma “filha de Nova Olinda” um convite da UNESCO para participar de um Grupo de Trabalho Jovem sobre o tema da AIDS. A Rádio tem sido um instrumento educativo e de resgate da identidade, abrindo novos espaços de participação para as crianças e jovens da região:

A Casa Grande ela dá oportunidade ao cidadão de ser cidadão desde a sua infância. Oferece também através de um trabalho da auto-estima pra criança, [...] A meninada chega muito acanhada, mas quando as crianças começam a falar para a comunidade onde vivem, elas mudam completamente. Mudam o jeito de falar, de se comunicar com as pessoas, de se integrar socialmente, mudam até o desempenho na escola. **Sujeito 1- A. Q. e Sujeito 5 - C.F.A, jovem beneficiado pelo projeto.** O maior problema de qualquer comunidade é a desagregação, a dificuldade de se reunir e propor alguma coisa em benefício da coletividade. Os meninos do projeto estão aprendendo, desde muito cedo, a se reunir, se organizar e realizar um objetivo comum. E assim a cidadania se constrói. **Sujeito 1 – A. Q.**

Além de rádio e TV a Fundação também oferece atividades em editoração, artes cênicas, música e turismo. A TV Casa Grande funciona na Fundação num estúdio pequeno equipado com uma ilha de edição onde as crianças aprendem a manipular equipamentos sofisticados. O aparelho mais importante – o transmissor que levaria as imagens da Casa Grande às televisões de Nova Olinda - não está sendo usado, pois não foi ainda concedida a licença de operação da TV comunitária pela Agência Nacional de Telecomunicações, ANATEL. Desta forma, os meninos produzem vídeos e documentários sobre a região, o povo, as feiras, registros das evoluções da Casa e da cidade, exibindo-os em seguida no Teatro Violeta Arraes. Os vídeos produzidos também são exibidos em centros culturais do Banco do Nordeste, em Juazeiro do Norte e Fortaleza. Um dos vídeos da Fundação foi escolhido pelo UNICEF para uma campanha nacional contra o tabagismo.

Porém, e considerando as relações entre conhecimentos codificados e conhecimentos tácitos e contextuais – específicos a cada território e população (ALBAGLI, 1999) - na TV Casa Grande não basta “uma idéia na cabeça e uma câmera na mão”, os jovens repórteres e produtores de Nova Olinda devem estar atentos ao que acontece na cidade:

Fazer TV aqui é também uma oficina de responsabilidade. É preciso que o jovem procure conhecer a comunidade e daí ele tem a liberdade para mostrar o que ele vê. Na festa de São Sebastião, a gente fez uma reportagem que causou impacto por que a gente falou da descaracterização da festa e do fato de Ter crianças bebendo álcool livremente na rua. **Sujeito 4 - J. P. M. (jovem beneficiado pelo projeto)**

Nas sessões de cinema e ainda na DVDteca que a Fundação possui, a comunidade tem acesso aos mais diversos curtas brasileiros, como também às obras de grandes diretores da história do cinema, além dos lançamentos comerciais. O responsável pelo cine clube é o filho de um pedreiro e de uma dona-de-casa e que demonstra grande satisfação em transmitir um pouco daquilo que sabe para os demais moradores que passeiam pelos corredores da DVDteca.

Esses trechos colhidos durante as entrevistas ilustram as discussões sobre os processos de territorialização, com a emergência de novos sujeitos políticos que se reorganizam nos espaços das cidades (CASTELLS, 1999; BAUDOWIN; COLLIN, 2006). A participação desses jovens como cidadãos têm sido construída a partir do acesso e geração, fluxo, disseminação e uso da informação e do conhecimento, uma vez que níveis insuficientes de conhecimento retiram das populações a possibilidade e a capacidade de influir nas decisões públicas, marginalizando-as para além do aspecto econômico, também do ponto de vista político (FRANCO, 2000; ALBAGLI, 1999). Quanto à participação do cidadão, ressalta-se ainda:

A Casa pensa Nova Olinda dentro do mundo. Não queremos, necessariamente, formar cineastas, mas desejamos que o dono da padaria tenha uma visão de mundo própria e capacidade crítica." **Sujeito 1 – A. Q.** "Isso tudo que temos aqui é ferramenta de transformação. Ferramenta pra ampliar a imaginação, a capacidade de expressão, e também a visão sobre a realidade da comunidade. Eu cresci aqui aprendendo a ter um novo olhar sobre a cidade onde eu nasci." **Sujeito 4 - J. P. M. (jovem beneficiado pelo projeto).** Eu gosto de Luchino Visconti e Roberto Rossellini e também sou fã de cinema iraniano. A realidade deles é parecida com a nossa, compara. **Sujeito 7 - S. M ( jovem beneficiado pelo projeto)**

É nesse contexto de transformação que se dá o redescobrimto da dimensão territorial, revelando o elo entre globalização e localização, com a introdução de novas alternativas em torno do desenvolvimento local (SILVEIRA, 2006).

#### **6.4 Desenvolvimento Sócio -Territorial: de Tapera à cidade turística**

Ao todo são 14 projetos desenvolvidos pela Fundação, dois destes contribuíram para uma mudança na estética da Cidade: o Projeto Anne Mariani e o Projeto Lixossauro. A idéia do Projeto Anne Mariani surgiu a partir do livro "Pinturas e Platimbandas" da fotógrafa Anne Mariani, que retrata fachadas coloridas com formas geométricas de casas populares de pequenas cidades do Nordeste brasileiro. Quando o livro chegou à Casa Grande, despertou nos meninos a idéia de organizar um mutirão, juntamente com os moradores das casas, para revitalizar as fachadas das casas de Nova Olinda com o apoio de empresas do setor de tintas. Um trabalho voltado à recuperação da memória, das raízes onde a identidade da arquitetura foi mantida. O projeto Lixossauro contou com o apoio da prefeitura visando à

limpeza e paisagismo urbano do corredor central da cidade. Este corredor que outrora servia como lixeira e como estábulo, hoje é conhecido como corredor cultural e turístico da cidade, onde além da Fundação, da Igreja de São Sebastião, do ateliê de um importante artesão local, localizam-se as pousadas domiciliares.

O projeto das pousadas domiciliares também tem mudado a realidade de Nova Olinda, trazendo renda e dinamização do turismo local. As dez pousadas urbanas, organizadas nas residências dos pais das crianças e adolescentes de Nova Olinda e duas rurais apoiadas pelo projeto de agro-floresta e localizadas em um sítio mitológico e arqueológico, são geridas pela Cooperativa dos Pais e Amigos da Casa Grande (COOPAGRAN). Estas iniciativas turísticas e culturais se baseiam em uma perspectiva sistêmica de articulação sócio-institucional e sócio-produtiva, trazendo como diferencial significativo a busca de uma intervenção territorializada ao gerar uma matriz de projetos e ações continuadas, a partir da mobilização de diferentes atores atuantes em torno da transformação do território, abrindo novos caminhos para o desenvolvimento local (SILVEIRA, 2006; FARREL, et al., 1999; SEN, 2000).

Os benefícios deste fluxo turístico transcendem o território e contaminam as cidades e regiões vizinhas. Desta forma, os pacotes turísticos vendidos pela COOPAGRAN contemplam além das visitas em Nova Olinda, a visita as outras cidades da região como Juazeiro do Norte, Assaré, Exú e ainda Santana do Cariri.

Aí a gente começou a ver o número de visitação. Hoje nós temos uma média de dois mil visitantes por mês. No ano passado vinte quatro mil e setecentas e tantas pessoas que entraram, em Nova Olinda pra ver a Casa Grande [...]. O município de Nova Olinda na área urbana nós temos um total de 3.500 a 4 mil pessoas, que moram na área urbana e Nova Olinda recebe um total de visitante de aproximadamente dois mil, duas mil e poucas pessoas por mês. Então proporcionalmente, a gente criou com a Casa Grande um fluxo turística na cidade. Nova Olinda ganhou um selo da Embratur de município turístico brasileiro. Estadualmente ganhou a colocação como Pólo Turístico do Cariri Oeste [...] aqui em Nova Olinda a gente optou pelo turismo solidário, social e os meninos da Casa Grande, pegou os pais e criaram uma Cooperativa e com o apoio de duas instituições, a Interamerican Foundation e a Fundação Kellogg, montamos as pousadas domiciliares, o Sebrae capacitou os pais para o atendimento turístico. E isso gerou um fluxo nessas pousadas, no qual foram integrados os pais ao projeto educacional que os filhos vinham desenvolvendo aqui na Casa Grande [...] com os pais a gente trabalha a geração de renda e com os filhos a educação." **Sujeito 1 – A. Q.** Então isso é um referencial muito importante, por que as pessoas vem e saem daqui com uma visão diferenciada de como podem trabalhar as suas instituições e seus projetos. **Sujeito 3 – H. G. (voluntário, responsável pela COOPAGRAN)**

Não somente as pessoas constroem espaços, mas os espaços podem ser usados para construir as pessoas, tanto em termos de restrições quanto em termos de oportunidades de ação. (CHANLAT, 1993).

*Olhe, depois dessa Casa Grande foi que Nova Olinda ficou conhecida e o A diz que eu também contribuo pra que Nova Olinda seja conhecida [...]E pra mim é uma satisfação grande o pessoal depositar essa confiança em mim. Sabe que eu tenho muito freguês por aí a fora que eu nem conheço. O povo vem e leva minhas peças e diz pra os outros 'essa peça é lá de Nova Olinda, do seu E. S.. Olhe, deu tudo certo e eu ainda fui chamado pra o desfile. Cheguei lá em São Paulo eu fui aplaudido e todo mundo me recebeu bem. Você imagina o que é isso? Eu pensei que ia morrer e ninguém ia nunca saber o que eu faço. Aí como é que eu posso retribuir?*

*Ensinando pra os meninos daqui o meu ofício” Sujeito 9 - E. S (artesão local)*

Considerando a cidade como uma teia organizacional, a cidade de Nova Olinda vai sendo transformada pelo discurso de uma organização. Uma organização dinâmica, um agente de mudança cultural local, um ator que promove os valores democráticos e que cria uma cultura viva, onde há espaço para estética, para a festa, para o gosto pela vida coletiva, realçando a característica do homo *ludens*. A transmissão desse discurso tem congregado as pessoas, as organizações e instituições locais, desencadeando novos processos de identificação com os protagonistas, os heróis da história, tornando cada um dos que ali moram passíveis de reproduzir esta história (ENRIQUEZ, 1996).

Projetos que ao longo da existência desta organização não-governamental, foram ganhando excelência e atraindo a atenção de investidores, tais como Instituto Kellogg, fundações como a Avina (Suíça) e Interamericana (EUA). No Brasil, citam-se o apoio do Instituto Ayrton Senna e o Projeto Criança Esperança. A Casa Grande também é um Ponto de Cultura apoiado pelo Ministério da Cultura, Universidade Federal do Ceará e Universidade Regional do Cariri. Nova Olinda, hoje, uma cidade turística, reconhecida assim pelo poder público. Uma teia organizacional dinâmica de atores que produzem o território, composto por nós, malhas e redes. Uma trama tecida com o tecido de todas as vozes. (ENRIQUEZ, 1996; VELHO, 1999; RAFFESTIN, 1993). Neste contexto, o mito que permite que as pessoas vivam numa “tessitura comum” e saibam que tipos de interação devem ter umas com as outras, potencializa os recursos e abre novos caminhos de desenvolvimento local (ENRIQUEZ, 1996; BAUDOWIN; COLLIN, 2006; CASTELLS, 1999; SANTOS, 2001).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito do presente trabalho consistiu em descrever a experiência de desenvolvimento territorial sob a égide da gestão social vivenciada na cidade de Nova Olinda, focalizando os reflexos e as influências de uma organização não-governamental, artística e educacional: a Fundação Casa Grande Memorial do Homem *Kariri* e Escola de Comunicação da Meninada do Sertão. A influência da atuação da referida Organização na Cidade de Nova Olinda possibilitou a emergência, mobilização e participação continuada de diferentes atores locais, visando à melhoria das condições de vida e trabalho a partir das ações articuladas em projetos de comunicação, turismo e sociabilidade produtiva dos moradores da cidade. Esses achados inferem o fortalecimento de identidades e a construção de novos processos de identificação em torno da experiência vivida no lugar, da transformação do território e da promoção da cidadania.

Em uma pequena cidade do sertão nordestino, encontrar jovens operando uma câmera de vídeo, ou lidando com equipamentos de rádio e TV, editando um jornal ou ainda escrevendo um roteiro fílmico, não são de fato tão significantes quando se vivencia mais de perto esta experiência. Nesta proximidade e convivência, o que fica é o exercício ativo de cidadania, apropriando-se, produzindo e reproduzindo os fluxos do lugar a partir das relações de cooperação territorializadas, articulando projetos que convergem para a valorização do comum. É o saber que a responsabilidade de manter um mundo mais harmônico, com mais equidade, também pode e deve ser uma responsabilidade das organizações territorializadas fundadas em uma tessitura comum e na consciência que podem e atuam como agentes de transformação.

Se o que caracteriza a gestão é a costura que esta alcança produzir através da ação prática o segredo, talvez, desta gestão esteja no comprometimento com a identidade, mola mestra do projeto. Ou talvez o grande mérito dos fundadores da organização estudada resida na descoberta que fizeram: que deveriam entregar essa administração nas mãos dos meninos – beneficiários do projeto - da região e da cidade de Nova Olinda. Mas talvez, também se encontre na cooperação, na afetividade e no entendimento de que as organizações também constroem histórias, dentro e fora delas.

Ao ressaltar que estando os espaços construídos em torno de fluxos, àqueles que fazem a sua gestão é cabido, também, a tentativa de perceber a relação e aproximação dos processos de identificação dos indivíduos e dos grupos a uma identidade maior, a do lugar e a da cidade. A formação de um corpo que cria, recria, inventa e comunica o seu jeito de ser, enquanto organização complexa, que constroem pontes capazes de compartilhar códigos culturais entre estas duas formas de espaço – de fluxos e de lugar - torna-se o desafio para os gestores das cidades.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, S. Globalização e espacialidade: o novo papel do local. In: CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H. (Orgs.) **Globalização e inovação localizada**: experiências de sistemas locais no Mercosul. Brasília: IbiCT/MCT, 1999.
- ALMEIDA, M. G. Desenvolvimento turístico ou desenvolvimento local? Algumas reflexões. In: Anais do ENTBL. Curitiba, novembro, 2004. In: **Anais...** Curitiba, ENTBL, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- BAUDOWIN, T; COLLIN, M. O território do comum na mobilização produtiva dos atores da cidade. In: SILVA, G.; COCCO, G. (Orgs.) **Territórios Produtivos**. Oportunidades e desafios para o desenvolvimento local. Rio de Janeiro: DP&A; Brasília, DF: SEBRAE, 2006.
- BORGES et. al. Avaliação em Políticas de Desenvolvimento Local. In: Anais do X Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, novembro, 2006. In: **Anais**. Salvador, Colóquio, 2006.
- BOURDIN, A. **A Questão Local**. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.
- CARRIERI, A. P.; PEREIRA, D. C. Movimento de Desterritorialização e Reterritorialização na Transformação Cultural: um estudo de doze anos em uma empresa do setor de telecomunicações. In: Anais do IX Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, junho, 2003. In: **Anais**. Salvador, Colóquio, 2003.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. A era da informação, economia, sociedade e cultura. Vol I; São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHANLAT, J. F. **O Indivíduo na Organização**. Dimensões esquecidas. v. 2. São Paulo: Atlas, 1993.

CLAXTON, M. **Cultura y Desarrollo**. Estudio. Paris: UNESCO. Disponível em <unesdoc.unesco.org/ulis/cgi-bin>. 1994.

COCCO, G. Mobilizar os territórios produtivos: para além do capital social, a constituição do comum. In: SILVA, G.; COCCO, G. (Orgs.) **Territórios Produtivos. Oportunidades e desafios para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A; Brasília, DF: SEBRAE, 2006.

CORIOLOANO, L. N. T. (org) **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

DALLABRIDA, V. R. A Gestão Social dos Territórios nos Processos de Desenvolvimento Territorial: uma aproximação conceitual. In: Anais do X Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, novembro, 2006. **Anais**. Salvador, Colóquio, 2006.

ENRIQUEZ, E. Como estudar as organizações locais. In: FISCHER, T. **Gestão Contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996a.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: 2. ed., Bookman, 2001.

FARRELL, G.; THIRION, S.; SOTO, P. DURIEUX, E. FRANÇOIS, M. **A competitividade territorial: conceber uma estratégia de desenvolvimento territorial à luz da experiência LEADER**. In: OBSERVATÓRIO EUROPEU LEADER: inovação em meio rural. Caderno n.6, fascículo n.1, Observatório Europeu LEADER: dezembro de 1999.

FISCHER, Tânia. Gestão Contemporânea, Cidades Estratégicas: aprendendo com fragmentos e configurações do local. In: **Gestão Contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. Poderes locais, desenvolvimento e gestão – introdução a uma agenda. In: FISCHER, T. (Org.). **Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliações**. Salvador: Casa da Qualidade, 2002.

FISCHER, Tânia et al. Teias Urbanas, *Puzzles* Organizativos: inovações, continuidades e ressonâncias culturais. In: Anais ENANPAD Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração. Rio de Janeiro, 1996b. **Anais...** Rio de Janeiro, ANPAD, 1996.

FRANCO, A. **Além da Renda – A Pobreza Brasileira Como Insuficiência de Desenvolvimento**. Millennium – Instituto de Política. Brasília. 2000.

FORTUNA, C. **Cidade, cultura e globalização**. Oeiras: Celta, 2001.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LT&C, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KASHIMOTO, E.M; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. Cultura, Identidade e Desenvolvimento Local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. v.3, n.4, p.35-42, mar. 2002

KNOPP, G. C. ; DARBILLY, L. V. C. Reflexões sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento Local. In: XXXI Encontro da ANPAD - EnANPAD, 2007, Rio de Janeiro. **Anais** do XXXI Encontro da ANPAD, 2007.

- KOGA, D. **Medidas de Cidades**: entre territórios de vida e territórios vividos. São Paulo. Cortez, 2003
- JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2005
- LEITÃO, C. S. **Memória do Comércio Cearense**. Rio de Janeiro. Editora SENAC, 2001
- LOYOLA, E.; MIGUEZ, P. Sobre Cultura e Desenvolvimento. In: **Anais** do III ENECULT. Salvador, 2007.
- MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo. Abril Cultural, 1978
- MILANI, C. R. S.; CUNHA, S. S. O Papel da Cultura no Desenvolvimento Local: a experiência da Rede Pintadas (Bahia). In: **Anais** do I ENECULT. Salvador, 2005.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RIZOTTI, M. L.; NISHIMURA, S. R. A. Gestão Social e Desenvolvimento Territorial: a Experiência da Cidade de Londrina – PR. In: **Anais** do X Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, novembro, 2006.
- SANTOS, M. **O país distorcido**: o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SILVA, S.B.M. O turismo como instrumento de desenvolvimento e redução da pobreza: uma perspectiva territorial. In: CORIOLANO, L. N. T. (org) **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.
- SILVEIRA, C. M. Desenvolvimento local: uma hipótese política. In: SILVA, G.; COCCO, G. (Orgs.) **Territórios Produtivos. Oportunidades e desafios para o desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: DP&A; Brasília, DF: SEBRAE, 2006.
- SIQUEIRA, M. T. Entre Manezinhos e *Haules*: A identidade Sócio-espacial Florianopolitana. In: Anais do X Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, novembro, 2003. **Anais...** Salvador, Colóquio, 2003.
- TENÓRIO, A.; MELLO, S. C B de. A Formação de Novos Sujeitos de Desenvolvimento Local: uma interlocução entre identidade, cultura e política. In: **Anais** do X Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, novembro, 2006.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa na educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELOS, P. A. Categorias e Conceitos Fundamentais na Geografia. In: **Anais** do IX Colóquio Internacional sobre Poder Local. Salvador, junho, 2003.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.